

# ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO-PEDAGOGO NO MANEJO DE CRISES E PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ESTUDANTES COM TEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Walter Lima da Silva <sup>1</sup>  
Patrícia Oliveira de Andrade <sup>2</sup>  
Cláudia Claudino Pontes <sup>3</sup>  
Hermânia Figueredo Moreira <sup>4</sup>  
Daisy Simões Campos <sup>5</sup>

## RESUMO

Estudos epidemiológicos demonstram que pessoas diagnosticadas com transtornos do espectro autista apresentam suscetibilidade a episódios de agressividade e agitação que podem ser causadas por uma desorganização sensorial, exigindo uma intervenção imediata. Contudo, qualquer criança ou adolescente, independentemente de ter laudo, pode apresentar por diversos motivos, comportamento de agressividade na escola. Vale ressaltar que essa situação pode ter um curso flutuante, modificando-se rapidamente dependendo da intervenção. Nesta perspectiva, profissionais de diversas áreas como psicólogos, psicopedagogo, fonoaudiólogo, assistente social e enfermeiro devem trabalhar em estreita colaboração com os educadores para adaptar o ambiente de aprendizado, desenvolver planos de suporte comportamental e promover uma abordagem inclusiva e acolhedora na escola. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo descrever e analisar o serviço do enfermeiro -pedagogo que atua nas escolas municipais de Guarabira-PB, em colaboração com a Equipe Técnica da Secretaria de Educação. Utilizamos como metodologia uma abordagem qualitativa, a partir do relato de experiência deste profissional foi possível a identificação e análise de elementos teóricos obtidos nos levantamentos bibliográficos relacionados às técnicas de manejo de crises e promoção da saúde de estudantes com TEA na escola. Os resultados apontaram que a colaboração do enfermeiro-pedagogo junto à equipe multidisciplinar na escola é fundamental para garantir que o aluno no espectro autista receba um suporte efetivo e consistente, minimizando situações de agressividade ou de comportamento de risco. Essa colaboração envolve o compartilhamento de informações, a troca de conhecimentos e experiências com toda comunidade escolar, além do planejamento conjunto de metas e estratégias. As evidências permitiram concluir que há demanda escolar para o trabalho desse profissional, serviço este que é valorizado pela escola.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Manejo de Crises, Enfermeiro, Educação Especial.

---

<sup>1</sup> Graduado do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de João Pessoa -UNIPÊ, [jwalterlimagba@outlook.com.br](mailto:jwalterlimagba@outlook.com.br);

<sup>2</sup> Mestre do Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [patricia\\_sme@hotmail.com](mailto:patricia_sme@hotmail.com);

<sup>3</sup> Especialista pelo Curso de Neuropsicologia do Centro Universitário de João Pessoa- UNIPÊ, [patricia\\_sme@hotmail.com](mailto:patricia_sme@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário de João Pessoa -UNIPÊ, [hermania83@gmail.com](mailto:hermania83@gmail.com);

<sup>5</sup> Graduada do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de João Pessoa- UNIPÊ, [daisy\\_campos@msn.com](mailto:daisy_campos@msn.com).

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5, o transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se como um transtorno do neurodesenvolvimento que causa “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”. Os sinais podem ser percebidos nos primeiros meses de vida do bebê, limitando ou prejudicando o funcionamento diário. (APA, 2014, p. 99)

O TEA é mais comum em crianças do que a soma dos casos infantis de câncer, diabetes e Aids. A ONU (Organização das Nações Unidas) estima que haja 70 milhões de autistas no mundo (BRASIL, 2011). O autismo faz parte da nossa sociedade e é importante acolher essas pessoas e seus cuidadores com atenção, respeito, cuidado e empatia.

Indivíduos com o diagnóstico de TEA tendem a ter comportamentos considerados comumente como problemáticos ou inadequados, que sucedem em episódios de agitação e agressividade, exigindo uma intervenção imediata. Normalmente, a violência contra outrem, objetos ou a si mesmo pode representar para o estudante com TEA uma ação de defesa contra sentimentos de medo, fragilidade; irritação por não ter dormido bem; uma resposta por estar se sentindo intimidado por outra pessoa ou, em muitos casos, por desregulação sensorial (Marteleto et al, 2011).

É importante lembrar que cada pessoa com autismo é única, e o comportamento agressivo pode ser uma forma de expressar desconforto ou necessidades não atendidas. Nesta perspectiva, profissionais de diversas áreas como psicólogos, psicopedagogo, fonoaudiólogo, assistente social e enfermeiro devem trabalhar em estreita colaboração com os educadores para adaptar o ambiente de aprendizado, desenvolver planos de suporte comportamental e promover uma abordagem inclusiva e acolhedora na escola.

Diante disso, o presente estudo teve por objetivo descrever e analisar o serviço do enfermeiro-pedagogo que atua nas escolas municipais de Guarabira-PB, em colaboração com a Equipe Técnica da Secretaria de Educação. Deste modo, descreve-se neste relato as ações desenvolvidas por este profissional para o enfrentamento de crises agressivas dos estudantes com TEA nas escolas, reafirmando seu papel como educador em saúde. Por meio do conhecimento e formação, o enfermeiro-pedagogo poderá contribuir

oferecendo suporte à equipe escolar, aos estudantes e suas famílias com foco no processo de inclusão.

## **2. METODOLOGIA**

Utilizamos como metodologia uma abordagem qualitativa, a partir do relato de experiência do enfermeiro pedagogo foi possível identificação das técnicas de manejo de crises e ações de promoção da saúde voltadas para os estudantes com transtorno do espectro autista matriculados nas escolas do Sistema Municipal de Ensino de Guarabira - PB em 2023.

Os dados foram coletados a partir das informações registrados no diário de campo do profissional, bem como da análise de documentos e arquivos (fotos e vídeos) disponibilizados pela Coordenação de Educação Inclusiva (Equipe Técnica) da Secretaria Municipal de Educação de Guarabira no decorrer do último ano letivo (2023). Foram analisados os desafios na rotina diária do aprendente com TEA, as ações desenvolvidas pelo enfermeiro frente à episódios de crise na escola e as estratégias de orientação familiar como facilitadoras do desenvolvimento e inclusão do estudante com deficiência.

## **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e interação social de uma pessoa. Caracteriza-se por comportamento repetitivo, comprometimento na fala, nas habilidades sociais e na comunicação não verbal. Além disso, pessoas com TEA podem apresentar uma série de outras comorbidades, sendo déficit cognitivo, hiperatividade e distúrbios de sono mais frequentes (Guedes; Tada, 2015).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (APA, 2014) esses sintomas surgem no início da primeira infância e prejudicam ou limitam o funcionamento do indivíduo. No que se refere às pesquisas com relação a sua prevalência, percebe-se um crescimento nos casos diagnosticados. Estudos americanos apontam que, para cada 36 crianças nascidas, uma possui TEA, o que significa 2,8% daquela população. (Centers For Disease Control and Prevention - CDCP, 2023). O número desse estudo científico, com mais de 226 mil crianças, é 22% maior que o anterior, divulgado em dezembro de 2021 — que foi de 1 em 44 (com dados de 2018). No Brasil, não temos números de prevalência de autismo. Considerando a mesma

proporção desse estudo do CDC com a população brasileira, teríamos cerca de 5,95 milhões de pessoas com TEA no país. Essa estimativa pode ser ainda maior, considerando-se os casos não diagnosticados, que se encontram fora dos registros.

A causa do autismo ainda é desconhecida. Pesquisas apontam que não há um fator único, mas sim a interação de componentes neurobiológicos e ambientais: a genética desempenha um papel significativo, mas também há evidências de que fatores ambientais durante a gravidez e no início da vida podem contribuir para o desenvolvimento do autismo. (Júlio-Costa; Antunes, 2017).

TEA é classificado em diferentes níveis de gravidade com base nos sintomas e na necessidade de apoio, são eles: a) Nível 1: Requer apoio mínimo. Pode ter dificuldades sociais e de comunicação, mas consegue realizar atividades do dia a dia. b) Nível 2: Requer apoio substancial. Pode ter dificuldades mais significativas na comunicação e interação social. c) Nível 3: Requer apoio muito substancial. Apresenta dificuldades graves na comunicação e interação social, além de padrões de comportamento repetitivos (APA, 2014).

Por se tratar de um espectro de condições, o padrão comportamental e cognitivo das crianças com TEA pode variar bastante, o que impõe à escola desafios específicos no manejo com o aluno com TEA. Alunos com autismo podem exibir comportamentos agressivos devido a uma variedade de fatores, como dificuldades de comunicação, sensibilidade sensorial, dificuldades em lidar com mudanças na rotina, ansiedade e frustração.

O enfermeiro-pedagogo poderá contribuir com inúmeras frentes de desenvolvimento na escola, buscando produzir mudanças práticas e significativas no comportamento do aluno com TEA, desenvolvendo habilidades que o tornem capaz de produzir relações saudáveis com o ambiente em que vive, diminuindo episódios de crise e desregulação sensorial na escola.

A intervenção do enfermeiro, integrado numa equipe multidisciplinar, assume particular importância. Salienta-se que relação estabelecida com a criança/família/comunidade, permite ao enfermeiro que ele se torne um elemento chave na detecção precoce de situações que possam afetar negativamente a saúde do indivíduo e a sua qualidade de vida. (Bastos et al, 2021)

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em 2023, no Sistema Municipal de Educação de Guarabira, encontravam-se matriculados 270 estudantes com deficiência, dentre os quais 103 apresentavam laudo de autismo. Com o aumento do número de diagnósticos de TEA nas escolas percebeu-se a necessidade de pensar em mais intervenções voltadas a todas as idades e de modos de adaptações da sociedade como um todo para ocorrer uma melhor inserção da pessoa com TEA.

Tendo em conta que a escola surge como um novo meio de estimulação para a criança com autismo, que passa a ampliar o seu contexto de interações sociais, auxiliando no seu desenvolvimento, o processo de inclusão escolar tem sido indicado por profissionais de diversas áreas, pois estes verificaram a importância de estimular precocemente as habilidades da criança, bem como promover a interação social.

Sobre a chegada do enfermeiro à equipe de educação inclusiva, o que pode ser relatado neste instrumento de discursão, é que a somatória junto a equipe multidisciplinar de educação, tornou-se de suma importância, tendo em vista o desenvolvimento de ações com orientações aos familiares, acompanhamentos, atividades preventivas e cuidados voltados para o bem-estar das crianças com TEA ou outros diagnósticos nas unidades escolares.

O enfermeiro pedagogo tem por responsabilidade realizar visitas técnicas, acompanhamentos periódicos nas escolas da rede municipal de ensino público de Guarabira/PB, realizar contencões junto aos alunos com TEA que apresentam comportamentos desregulados, orientar os cuidadores no manejo adequado, examinar as receitas medicamentosas e o quadro de saúde dos alunos.

Quando o aluno manifesta um quadro de crise sensorial na escola, é acionado através de encaminhamento a coordenação de educação inclusiva a prestação do serviço da equipe multidisciplinar, nesse caso o enfermeiro pedagogo que atua nesse campo para ofertar o suporte devido a criança que apresenta desregulação sensorial, procurando controlar os gatilhos desencadeadores, procurando tornar o ambiente mais inclusivo, realizando e indicando terapias que ajudam a processar melhor os estímulos sensoriais da criança.

Ao ter contato com o estudante durante um episódio de crise, o atendimento inicia ao abordar o aluno com técnicas de comunicação clara, firme transmitindo o desejo de ajudá-lo, estimulando-o a falar sobre seus sentimentos, tentando acalmá-lo. Quando necessário, o aluno é deslocado para um ambiente fora da sala de aula e mantido sob observação, garantindo a sua privacidade e segurança (limitando o espaço físico). Essa

mudança de local também tem o objetivo de retirar a pessoa do ambiente com possíveis agentes estressores, sempre observando se não tem objetos ou aparelhos que possam ser quebrados ou mesmo usados como armas. É importante ressaltar que essa intervenção/gerenciamento sempre ocorre na presença de um ou mais membros da equipe escolar.

Durante todo o processo, o profissional explica o que está sendo feito, o motivo, os objetivos de tal atitude, promovendo o sentimento de confiança de modo que a criança/adolescente experimente a sensação de segurança e apoio, e que seja entendida como uma oportunidade de aprendizagem.

O enfermeiro mantém contato direto com as famílias, acompanha o estado de evolução dos estudantes com TEA e procura mecanismos que os ajudem a desenvolver ao máximo suas capacidades. Nesse aspecto, o profissional viabiliza o intercâmbio com a rede pública de saúde, visita as UBS, Centro de Referência, Complexo de Saúde, intermediando os atendimentos essenciais das equipes multidisciplinares para a intervenção, promoção de saúde da referida família e da criança com transtorno global de desenvolvimento e saúde mental.

O impacto mais significativo que temos com o acompanhamento das famílias com crianças e/ou adolescentes autistas é o cuidado direcionado às mães, que são as principais responsáveis pelo bem-estar dessas crianças. Enquanto o estudante com TEA recebe alguns acompanhamentos e serviços, é a mãe que muitas vezes carece de apoio e orientação, algo que é realizado com as visitas domiciliares. Por isso, esse trabalho tem um impacto significativo em suas vidas, proporcionando o fortalecimento emocional e prático de mães que muitas vezes se encontram sobrecarregadas e “desamparadas”,

Os profissionais de apoio (cuidador escolar) que estão em contato direto com os alunos também são orientados a executar manejos que possam ajudar as que crianças que apresentam um quadro de desregulação sensorial, utilizando o processo de reforço positivo, que podem ser de cunho social, atividades, uso de brinquedos e brindes, e de contato físico, e a remoção para um local seguro e aprazível.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O "novo espaço" aqui destacado, por suas características, representa um desafio profissional, no sentido do reconhecimento das atividades e habilidades desenvolvidas pelos profissionais da enfermagem no ambiente escolar. Levando em consideração os resultados observados compreende-se que a colaboração do enfermeiro-pedagogo junto à

equipe multidisciplinar na escola é fundamental para garantir que o aluno no espectro autista receba um suporte efetivo e consistente, minimizando situações de agressividade ou de comportamento de risco.

Para o desenvolvimento da educação em saúde os profissionais de enfermagem necessitam articular seu conhecimento inerente à saúde a interlaçar com a educação por meio de metodologias educacionais, adquiridos em cursos, por meio de capacitações, especialização, entre outros.

Essa colaboração envolve o compartilhamento de informações, a troca de conhecimentos e experiências com toda comunidade escolar, além do planejamento conjunto de metas e estratégias. As evidências permitiram concluir que há demanda escolar para o trabalho desse profissional, serviço este que é valorizado pela escola.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico de transtornos mentais: DSM-V** (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). 2023. **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020**. Disponível em: <

[https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s\\_cid=ss7202a1\\_w#suggeste](https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s_cid=ss7202a1_w#suggeste)  
>Acesso em: 28 abr. 2024.

BASTOS, Patrícia de Oliveira; MOREIRA JUNIOR, José Jader; NORJOSA, Maria Emanuela Silveira; VASCONCELOS, Maria Joelma Carneiro; QUEIROZ, Maisa Leitão. Atuação do enfermeiro brasileiro no ambiente escolar: Revisão narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, e31410918089, 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho nacional de saúde, 2011. **2 de abril: Dia Mundial de Conscientização do Autismo. 2011**. Disponível em: <[https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2011/01\\_abr\\_autismo.html](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html)>. Acesso em 16 maio 2024.

GUEDES, N. P. DA S.; TADA, I. N. C. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.31, n. 3.p. 303-309, 2015.

JÚLIO-COSTA, A; ANTUNES, A. M. **Transtorno do espectro autista na prática clínica**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; CHIARI, Brasília Maria; PERISSINOTO, Jacy. Problemas de comportamento em crianças com Transtorno Autista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 5-12, 2011.